

_____ (1964) *Chegando ao Inconsciente* in **O Homem e seus Símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.

_____ (1929) *A divergência entre Freud e Jung* in **Freud e a Psicanálise**. Petrópolis: Vozes, 1989.

LORENZ, K. **Os fundamentos da Etologia**. São Paulo: Unesp, 1995.

MCGUIRE, W. et HULL, R.F.C. Org. C. G. **Jung: entrevistas e encontros**. São Paulo: Cultrix, 1982. Trad. Álvaro Cabral.

SABINI, M. C. G. **Jung on Nature Technology & Modern Life**. Berkeley: North Atlantic Press, 2007.

Andragogia no Ensino Superior: Pressupostos metodológicos.

Adelino António Ulamba Pelembi¹³³

RESUMO

O processo de aprendizagem encontra-se revestido de muitas especificidades e, entretanto, urge a tão sublime importância de se poder olhar para a andragogia e seus pressupostos metodológicos no Ensino Superior como cunho de revestimento à aprendizagem do adulto. A pesquisa em referência efectuou-se seguindo a modalidade investigativa de tipo bibliográfico

¹³³ Mestre em Psicopedagogia pela Universidade de León-Barcelona e professor de Educação de Adultos no ISPSN- Huambo.

e, para a consolidação da mesma, levámos a cabo uma exaustiva revisão de alguns artigos elaborados por estudiosos da área. Assim, o presente texto traz como objectivo reflectir sobre o processo de aprendizagem, visando contribuir na melhoria do ensino para os adultos, uma vez que devemos olhar para o seu *background* no que concerne às experiências dos adultos. A andragogia é uma abordagem emergente, que propõe a utilização de metodologias participativas de aprendizagem destinadas ao ensino de adultos adequadas ao ensino universitário. Os conceitos trazidos pela andragogia sugerem que este indivíduo tenha conhecimento de como e porquê está aprendendo determinado assunto, e da sua aplicabilidade prática. Nesta perspectiva, deve-se aproveitar os conhecimentos prévios adquiridos ao longo da vida do sujeito, com a finalidade de valorizar o aprendizado do adulto, transformando o aprendiz de objecto a sujeito da educação, justificando-se pela necessidade de trazer à tona novas discussões sobre a educação, dentro dos princípios andragógicos.

Palavras-chave: Andragogia; Educação de adulto; Aprendizagem; Acção.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de uma revisão bibliográfica enriquecida de reflexões desenvolvidas durante os anos que temos estado a partilhar lições de educação de adultos, olhando com alguma cautela para a aprendizagem dos mesmos e suas experiências previamente adquiridas. A maturidade da fase adulta traz a independência. As experiências vividas pelos adultos proporcionam aprendizados e erros que trazem vivências marcantes para toda a vida. Deste modo, os adultos são capazes de criticar e analisar situações, de fazer paralelos com as experiências já vividas, de aceitar ou não as informações que chegam, sendo assim considerados aprendentes independentes. Mesmo diante de tantas transformações na vida do ser humano, percebemos que o modelo tradicional de ensino continua a vigorar para determinadas realidades estruturadas, como se a mesma pedagogia utilizada para as crianças devesse ser aplicada aos adultos. O chamado “efeito esponja”, na qual a criança absorve todas as informações, já não é possível de ser aplicado na fase adulta. O adulto desenvolve uma habilidade mais reflexiva, quer experimentar vivenciando-a. Segundo Osorio¹³⁴ (2003, p. 92). “Knowles será quem mais

¹³⁴ Osorio, A. (2003). *Educação Permanente e Educação de Adultos*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.

se empenha na defesa de um termo independente para se referir à prática e ao estudo de adultos com base no facto de que, apesar de alguns princípios da educação infantil serem aplicáveis à dos adultos, a sua posição social, as suas responsabilidades perante os outros e as suas funções são muito diferentes das primeiras idades, e isso exige uma nova disciplina”.

O processo de educação

A educação deve ser entendida como um processo por meio do qual a sociedade transmite aos novos membros constituintes, através de instituições docentes, conhecimentos e directrizes que lhes possam servir como sustentáculo, respeitando assim as normas e os instrumentos de desempenho no seu quotidiano. Para Valentim (2019)¹³⁵, “o processo educativo não se resume nem pode ser resumido apenas à transmissão de conteúdos didáticos-epistemológicos, mas procura cuidar também e, sobretudo, da formação do bom carácter do educando”.

Deste modo, olhamos para o educando como um ser activo, capaz de participar no desenvolvimento da sociedade em que estiver inserido, proporcionando-lhe habilidades reflexivas e necessárias para poder responder às exigências da mesma. Podemos entender que a educação não se deve restringir a uma população específica, “crianças, adolescentes”, como reza o modelo pedagógico. A palavra *pedagogia* pode ser definida como a arte e a ciência que consiste em ensinar as crianças, pois, ela é formada por dois vocábulos gregos, *paidos*, criança e *agein*, *agoge*, levar, conduzir.

O alcance deste modelo “pedagógico” apresenta-nos um limite, porquanto se encontra restringido a uma população-alvo que são as crianças e os adolescentes, e não considera as variáveis específicas que caracterizam o processo educativo do homem adulto. Deste modo, socorremo-nos de Knowles, citado por Canário¹³⁶, quando afirma que devemos deixar de educar os adultos como se fossem crianças, abandonando o modelo pedagógico baseado na forma escolar tradicional.

¹³⁵ Valentim, I. (2019). *Contra a Pedagogia: A difícil tarefa de ensinar*. Em *Lições de Filosofia da Educação e de Teoria da Educação*, no Instituto Superior Politécnico Sol Nascente (ISPSN)- Huambo, p. 92.

¹³⁶ Canário, R (1999). *Educação de Adultos – Um campo e uma Problemática*. Lisboa: Educa.

Uma abordagem à aprendizagem do adulto como via de educação

Desde as últimas décadas do século XIX, foram propostas muitas teorias, abordagens e visões sobre o termo aprendizagem. Para Lefrançois (2018)¹³⁷, a aprendizagem é definida como toda a mudança relativamente permanente no potencial de comportamento, que resulta da experiência do indivíduo.

“Ensinar é o acto de facilitar a aprendizagem, pois a qualidade do acto de ensinar do professor, e do método utilizado por ele, tem relação directa com o acto de aprender do aluno” (Skinner, 1972)¹³⁸. Freire (1998)¹³⁹ complementa o pensamento, dizendo que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou sua construção. Podemos procurar entender, em primeiro lugar, a questão que se coloca. Quem é o adulto? E só assim poderemos entender que, para ensinar o mesmo, é necessário ter em conta as suas especificidades, sendo que existem princípios que regem a aprendizagem dos adultos.

O termo *andragogia* foi traduzido por Alexander Kapp, educador alemão, por volta de 1833, para descrever a teoria de educação de Platão, mas rapidamente caiu em desuso. Em 1921, voltou a ser utilizado por Rosenstock, com o intuito de chamar a atenção para o conjunto de professores e métodos diferenciados necessários à educação de adultos. Apenas em 1926, Linderman, na tentativa de buscar melhores formas de educar adultos, percebeu a falta de adequação dos métodos utilizados e escreveu: “Nós aprendemos aquilo que nós fazemos. A experiência é o livro-texto vivo do adulto aprendiz.” Knowles, em 1970¹⁴⁰, trouxe à tona as ideias de Linderman e introduziu, em 1973, o termo *andragogia* (do grego, *andros* = adulto, e *gogos* = educar) como “a arte e a ciência que consiste em ajudar os adultos a aprender”.

Considerado como um ser normal, o adulto é todo o indivíduo que desde o ponto de vista físico conformou um todo corporal definitivo, que biologicamente concluiu seu crescimento, que psiquicamente atingiu a consciência de si mesmo, da sua inteligência, que socialmente tem seus direitos e deveres e, no que se relaciona a educação, o adulto está capacitado para gerir o seu próprio processo de aprendizagem e interessar-se na busca de conhecimentos para aplicar os

¹³⁷ Lefrançois, G. (2018). *Teorias da aprendizagem: o que o ensinante disse*. Tradução Solange A. Visconte. Revisão técnica José Fernando B. Lomônaco. São Paulo: Cengage Learning.

¹³⁸ Skinner, B. F. (1972). *Tecnologia do ensino*. São Paulo: E.P.U (Tradução de Rodolpho Azzi / Edição original de 1968).

¹³⁹ Freire (1998)

¹⁴⁰ Knowles, M. S. (1980). *The modern practice of adult education: From pedagogy to andragogy*. Chicago, IL: Association Press.

mesmos a uma realidade objectiva. Logo, podemos dizer que os adultos preferem buscar conhecimentos que tenham uma aplicabilidade imediata.

O adulto é definido por Bellan (2005)¹⁴¹ como o indivíduo maduro o suficiente para assumir as responsabilidades por seus actos diante da sociedade, pois tem consciência de suas acções e é capaz de tomar decisões responsáveis em sua vida. Seus anseios de aprendizagem são directamente proporcionais às suas necessidades, seus interesses e experiências, pois os conhecimentos adquiridos devem ter uma aplicabilidade imediata, olhando assim para a resolução dos problemas do seu dia-a-dia.

Ainda o autor supracitado destaca que, quando se olha para a aprendizagem de adultos através da andragogia, se destaca o papel fundamental do professor, pois este deverá ter uma atitude de facilitador. Será, portanto, aquele que prima por uma comunicação bidireccional, um agente de transformação. Concordamos neste aspecto com a perspectiva de Bronfenbrenner,¹⁴² citado por Veiga, assumindo que:

“O desenvolvimento humano ocorre através de interacções recíprocas progressivamente mais complexas entre seres humanos activos, enfatizando que a pessoa em desenvolvimento não é vista como algo de passivo que sofre o impacto do ambiente, mas como uma entidade dinâmica e em crescimento que progressivamente se move e reestrutura o meio em que vive. A interacção entre a pessoa e o ambiente é vista como bidireccional, ou seja, caracterizada pela reciprocidade.” (Veiga, 2013. p. 274).

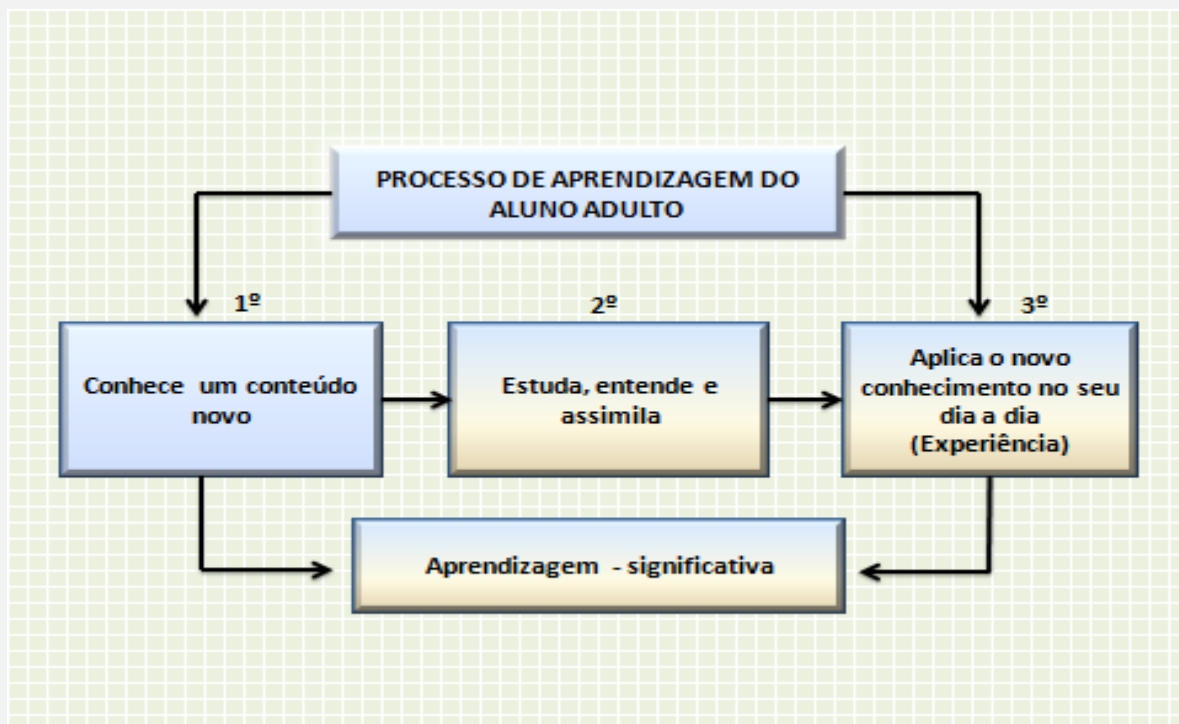
A educação de adultos engloba “todo o processo de aprendizagem, formal ou informal, em que as pessoas consideradas adultas pela sociedade desenvolvem suas capacidades, enriquecem seu conhecimento e aperfeiçoam suas qualificações técnicas e profissionais, ou as redireccionam para atender suas necessidades e as de sua sociedade” (UNESCO, 2010a)¹⁴³. Daí, devemos entender que a aplicabilidade imediata dos conhecimentos adquiridos pelos estudantes adultos não deve ter apenas definido o carácter pessoal, isto é, aquisição de um mero documento que sirva de justificativo académico para a satisfação pessoal, mas, sim, deve estar patente também o carácter social, visando assim a resolução dos problemas sociais e contribuindo, deste modo, como um dos pilares do ensino que faz alusão à extensão destes conhecimentos à comunidade.

¹⁴¹ Bellan, Z. S. (2005). *Andragogia em Ação: Como ensinar adultos sem se tornar maçante*. Santa Bárbara d'Oeste, SP: SOCEP Editora.

¹⁴² Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: experiments by nature and design*.

¹⁴³ UNESCO, 2010a, p. 5.) Em *Segundo relatório global sobre aprendizagem e educação de adultos*. Brasília.

A maturidade da fase adulta traz-nos a independência. As experiências proporcionam-nos aprendizados; erros trazem-nos vivências que marcam para toda a vida. Somos, então, capazes de criticar e analisar situações, de fazer paralelos com as experiências já vividas, de aceitar ou não as informações que nos chegam. Deste modo, remetemos a nossa consciência voltada para a teoria de aprendizagem por tentativa e erro de Thorndike, enfatizando a sua lei do efeito, isto é: olhando, por um lado, pela recompensa advinda de uma actividade satisfatória do organismo. As experiências consideradas genuinamente educativas devem ser tidas em conta para facilitar a resolução dos problemas do quotidiano do aluno adulto.



Fonte: Artemis Nogueira Castro, *Didactics and Andragogy*

Queremos entender, com a figura acima ilustrada, que a aprendizagem deve estar ligada ao contexto quotidiano do estudante, possibilitando-lhe uma condição de aplicação imediata. Na perspectiva de Canário e Cabrito¹⁴⁴ (2008), o modelo dialógico-social será aquele que está voltado para a aprendizagem, e suas competências para a resolução dos problemas que afectam a sociedade. É, pois, um modelo que dá prioridade à consciência crítica, ao pensamento, à participação e à gestão social. A aprendizagem do adulto é um *continuum* que começa nas relações sociais, enfatizando as experiências dos mesmos e, também, a aplicabilidade imediata dos conhecimentos que os mesmos vão à busca. As condições de aprendizagem dos adultos remetem-nos para uma combinação com determinados princípios, pois eles sentem a necessidade

¹⁴⁴ Canário R. e Cabrito, B. (2008). *Educação e formação de adultos: Mutações e Convergências*, Educa. Lisboa, p. 75.

de aprender num ambiente caracterizado pelo respeito, liberdade de expressão e, acima de tudo, a aceitação das diferenças individuais.

Tendo como base o quadro acima representado, podemos entender que, na visão de Lindman, existem alguns pressupostos que, ainda hoje, fazem parte dos fundamentos da moderna teoria da aprendizagem de adultos, enfatizando que os adultos são motivados em aprender de acordo com as suas necessidades e interesses, orientando a mesma aprendizagem para as situações da vida. Além disso, são autodidactas e valorizam a experiência.

A aprendizagem do adulto deve estar ligada às necessidades do seu quotidiano, pois eles estão mais propensos a aprender algo que contribua para as suas actividades profissionais ou para resolver problemas reais. Os métodos de discussão de grupo, *brainstorming*, terão utilidade, sendo esta mais uma justificativa para a sua eficiente utilização.



Fonte: Artemis Nogueira Castro, *Didactics and Andragogy*

Outrossim, entendemos que os alunos adultos são conscientes de suas habilidades e experiências, e exigem mais envolvimento no processo de aprendizagem. Sobre o conceito de facilitação,

Finger (2005)¹⁴⁵ destaca que está directamente relacionado com o conceito de crescimento, chamado aprendizagem autodirigida.

“A educação de adultos denota todo o corpo de processos de aprendizagem em curso, formais ou não, pelo qual as pessoas consideradas adultas pela sociedade a que pertencem desenvolvem suas habilidades, enriquecem seus conhecimentos e melhoram suas qualificações técnicas ou profissionais ou buscam uma nova direcção para satisfazer as próprias necessidades e as de sua sociedade.” (UNESCO, 1997, p. 1)¹⁴⁶.

Na universidade, espera-se do estudante algum comportamento mais proactivo, sustentando a sua *autodidaxia*, ou seja o estudante universitário deve ser aquele que participa activamente na construção do seu conhecimento, desempenhando assim um papel bastante activo. Para que o mesmo se efective, será necessário também considerar a tríade activa no processo de ensino e aprendizagem. Activo o professor, o estudante e o meio criado por eles. Com isso, pretendemos defender o uso de técnicas participativas, em que o estudante possa sentir-se como integrante da aula, onde as suas experiências poderão ser relevantes, e o professor como um facilitador do mesmo processo.

A andragogia questiona o modelo da pedagogia aplicado à educação de adultos, porque entende que o adulto é o sujeito da educação e não o objecto desta. Muitas vezes contradizendo esses princípios, os métodos pedagógicos e didácticos utilizados na educação de adultos são centrados no professor e não no aluno. Assim, de acordo com os conceitos de andragogia, a troca de experiências entre os envolvidos no contexto, a reflexão e, conseqüentemente, a produção colectiva do conhecimento passam a ser um mecanismo efectivo para a formação de adultos.

Seguindo esta linha de pensamento, Perissé (2008)¹⁴⁷ relata que o estudante adulto não pode ser tratado pelos professores como se fosse um adolescente e estivesse apenas começando a entrar no labirinto da vida. Mais do que ficar a ouvir passivamente a exposição, muitas vezes abstracta e tediosa de um assunto, precisa de gerir seu aprendizado e seu desenvolvimento profissional. O professor deve entender que os adultos precisam de que ele os ajude a compreender a importância prática do assunto a ser estudado; experimentar a sensação de que cada conhecimento fará a diferença e mudará efectivamente as suas vidas. Daí que os adultos

¹⁴⁵ Finger (2005). *A educação de adultos e o futuro das sociedades*. Em R. Canário, & B. Cabrito (Ed), *Educação e Formação de Adultos: Mutações e convergências*. Lisboa: Educa.

¹⁴⁶ UNESCO (1997), *Segundo Relatório Global sobre Aprendizagem e Educação de Adultos*. Brasília, p. 1.

¹⁴⁷ Perissé, P. M. (2004). *O educador aprendedor*. SP: Brasil, 1.ª edição.

aprendam melhor tendo em conta o valor das suas experiências e contando de alguma maneira com as experiências dos outros.

Segundo Hamze (2008)¹⁴⁸, a andragogia é um caminho educacional que busca compreender o adulto, podendo ser considerada uma teoria mas também um método de ensino, que se reflecte em um somatório de trocas de conhecimentos entre o facilitador do conhecimento, o estudante adulto e suas experiências de vida. No modelo andragógico, a aprendizagem é de responsabilidade compartilhada entre professor e aluno. A andragogia fundamenta-se no “aprender fazendo”. Na visão de Finger (2003), a educação de adultos tem merecido especial atenção da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), desde a sua criação, podendo a sua contribuição para este campo ser considerada histórica, especialmente no que se refere à alfabetização e educação básica de adultos.

Para De Aquino (2007)¹⁴⁹, a andragogia, inicialmente definida como a arte de ajudar os adultos a aprender, apresenta-se actualmente como uma alternativa à pedagogia e refere-se à educação centrada no aprendiz para pessoas de todas as idades. Sabemos que, à medida que amadurecem, as pessoas sofrem transformações como: passar de dependentes para indivíduos independentes (autodireccionados); acumular experiências de vida que vão fundamentar o substrato de seu aprendizado; direccionar seus interesses para o desenvolvimento das habilidades que utilizam em seu papel social; esperar uma imediata aplicação prática do que aprendem; preferir aprender para resolver problemas e passar a apresentar motivações internas mais intensas do que motivações externas (Knowles, 2005).

Em relação ao estudo da aprendizagem de adultos, podemos realçar com grande ênfase o contributo de um teórico da Psicologia Educacional, Edward Lee Thorndike, com a publicação de seu livro *Adult Learning*, em 1928. Na sua teoria sobre a aprendizagem por tentativa e erro, o autor procura buscar o valor do reforço em relação ao fenómeno da aprendizagem. Entendemos com esse pressuposto que os adultos se preocupam em buscar conhecimentos que tenham uma aplicabilidade imediata, isto é, tendo em conta o reforço (positivo) da aprendizagem, com a preocupação voltada para a resolução dos problemas sociais.

¹⁴⁸ Hamze, A (2008). *Andragogia e a arte de ensinar aos adultos*. Acedido em 14-04-2018. Disponível em <http://www.educador.brasilecola.com/trabalho-docente/andragogia.htm>.

¹⁴⁹ DE Aquino, T. C. E (2007). *Como Aprender: Andragogia e as habilidades de aprendizagem.*, São Paulo, Pearson Prentice Hall.

Aquino (2007)¹⁵⁰ diz que o modelo andragógico de Knowles considera que o adulto tende a ser mais motivado para uma aprendizagem que irá ajudá-lo a resolver problemas da sua vida ou para a que resultará em recompensas pessoais e internas. Esses motivos são pressões internas, como, por exemplo, o desejo de aumentar a satisfação no trabalho, a auto-estima, a qualidade de vida. O que não quer dizer que o adulto também não responda às motivações externas, como a melhor qualificação laboral.

Fazendo algum paralelo com Lindman, (1926)¹⁵¹, a educação de adultos representa um processo através do qual o adulto se torna consciente de sua experiência e a avalia. Isto é, o adulto deve estar consciente e deve acompanhar o seu próprio processo de aprendizagem e, por sua vez, avaliá-lo de forma sequencial, fazendo assim uma auto-avaliação do seu processo de aprendizagem. Deste modo, estaremos a fazer valer a patente atribuída ao adulto como sendo um autodidacta, “aquele que é capaz de conscientemente ter o valor de ser o professor de si mesmo”.

Olhando para alguns pressupostos básicos em relação à aprendizagem do aluno adulto, o autor supra citado¹⁵² fundamenta que os mesmos são motivados a aprender tendo em conta as suas necessidades e os interesses, servindo como ponto de arranque para a sua aprendizagem; a orientação da aprendizagem dos adultos deve estar centrada na vida, com o foco para a resolução dos problemas do quotidiano. Deve buscar uma aprendizagem cuja finalidade estará voltada para a explicação dos reais problemas sociais e não colocando ao redor o valor da experiência do próprio adulto. Logo, os adultos aprendem melhor quando as suas necessidades e os seus interesses, situações de vida, experiências, autoconceitos e diferenças individuais são levados em consideração.

Por isso, a primeira tarefa do facilitador é ajudar os aprendizes a conscientizarem-se da necessidade de saber para se poderem tornar aprendentes independentes.

Podemos encarar a aprendizagem dos adultos fazendo-a corresponder a uma pirâmide dos saberes ou das aprendizagens, isto é, os objectivos e propósitos para a aprendizagem dos adultos podem ser vistos numa perspectiva individual, institucional ou social. De outro modo, estaríamos a falar do saber-ser, fazer e estar. Na perspectiva individual, olhamos por aquilo que a Psicologia faz alusão e que tem que ver com as particularidades individuais voltadas para o

¹⁵⁰ *Ibidem.*

¹⁵¹ Lidman (1926). *The Meaning of Adult Education*. Apud site da Coleção do LAB SSJ: www.colecao.labssj.com.br.

¹⁵² *Ibidem.*

crescimento intelectual do estudante, assim como as suas expectativas. Já na perspectiva institucional, podemos entender que, em relação à teoria do desenvolvimento humano, o ser aprendente desenvolve-se em diferentes microsistemas e que deverá ser considerado activo nas suas relações sociais, logo, nesta vertente institucional, o adulto preocupar-se-á em contribuir activamente para participar no desenvolvimento institucional, tudo isso em função do leque de aprendizagens que foram acumuladas em um microsistema que se chama escola. Na perspectiva social, o adulto olhará para as suas aprendizagens como foco de sustentáculo para a resolução dos problemas sociais.

A relevância da autodidaxia na aprendizagem do adulto

Olhando para o princípio andragógico que fundamenta a independência do adulto em relação à sua aprendizagem, recorreremos ao termo *autodidaxia*. De acordo ao dicionário Porto Editora, do grego *autos*, próprio + *didaxis*, instrução. É um termo que nunca caminha em separado com a autoformação, designando assim o facto de uma pessoa se formar a si própria de maneira autónoma. É também deste conceito que o estudante de um regime pós-laboral se deverá fundamentar. A autoformação é, por sua vez, uma prática de desenvolvimento, isto é: o sujeito aprofunda a sua experiência por meio de uma busca de conhecimentos que posteriormente poderão ser-lhe úteis para a resolução de futuros problemas sociais. O autodidactismo vai precisamente fazer alusão à disposição que o aprendente adulto terá de acompanhar e orientar o seu próprio processo de aprendizagem. A ideia de estudante adulto remete-nos para este tipo de pensamento, olhando para a figura do professor como um simples facilitador deste processo. Carl Roger apela assim à libertação da curiosidade intelectual das pessoas, à “libertação do espírito de investigação”, a fim de facilitar as aprendizagens.

Andragogia é a arte de ensinar aos adultos que não são aprendizes sem experiência, pois o conhecimento vem da realidade “escola da vida”. O aprendizado é factível e aplicável, isto é: o aluno busca desafios e soluções de problemas que farão a diferença em suas vidas. Busca na realidade académica realização tanto profissional como pessoal, e aprende melhor quando o assunto é de valor imediato. O aluno adulto aprende com seus próprios erros e acertos, e tem imediata consciência do que não sabe e do quanto a falta de conhecimento o prejudica.

Na andragogia, a aprendizagem adquire uma particularidade mais localizada no aluno, na independência e na autogestão da aprendizagem, para a aplicação prática na vida diária. Os alunos adultos estão preparados a iniciar uma acção de aprendizagem ao se envolver com sua utilidade para enfrentar problemas reais da sociedade. A actividade educacional do adulto é

centrada na aprendizagem e não no ensino, sendo o aprendiz adulto agente de seu próprio saber, e deve decidir sobre o que aprender. Os adultos aprendem de modo diferente de como as crianças aprendem. Portanto, é essencial que os métodos aplicados também sejam distintos.

Pressupostos metodológicos do modelo andragógico

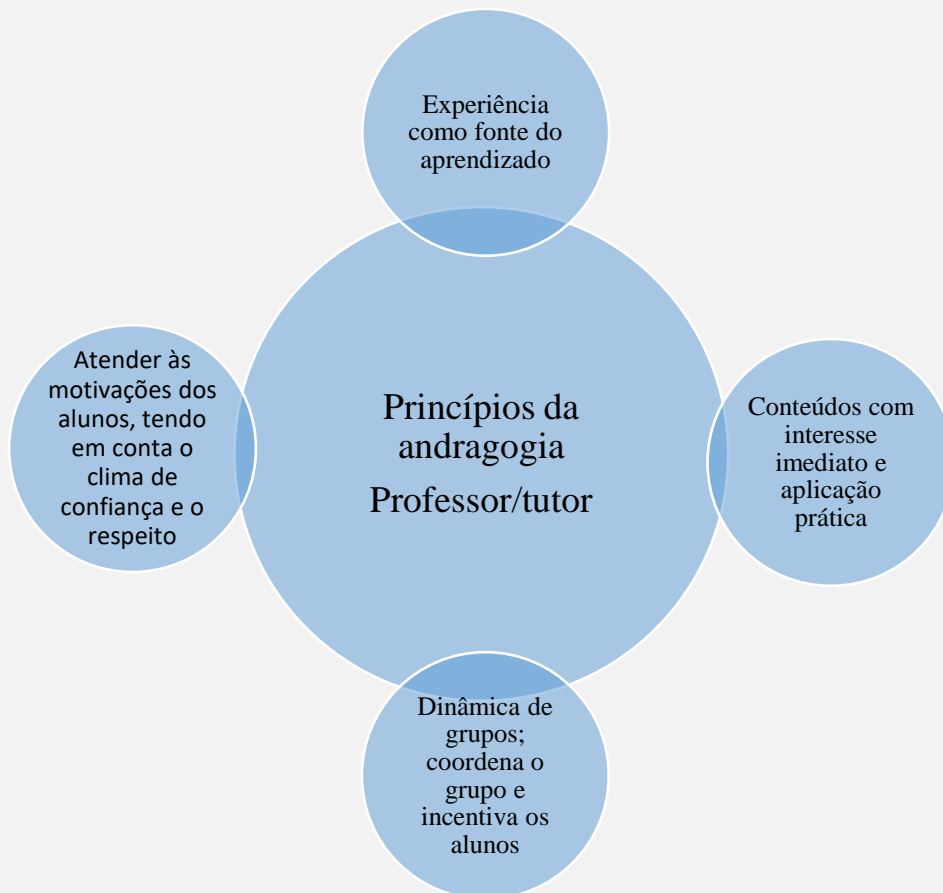
Na educação convencional é exigido ao estudante que se ajuste ao currículo estabelecido. Na educação de adultos, o currículo é construído em função da necessidade do estudante, olhando com alguma cautela para a importância da orientação vocacional. Lindman identificou cinco pressupostos que, ainda hoje, fazem parte dos fundamentos da moderna teoria da aprendizagem de adultos e que são:

- 1 Os adultos são motivados para aprender de acordo com as suas necessidades e interesses. Estes são considerados o ponto de partida para se iniciar a organização das actividades de aprendizagem do adulto. Essa motivação é potenciada quando o conteúdo da “aula” é explicado através de situações da vida real e tem relação com as preocupações específicas do aluno, acerca das necessidades que possui de adquirir conhecimentos relevantes.
- 2 A orientação de aprendizagem do adulto está centrada na vida. O programa de aprendizagem na perspectiva da andragogia deve ter como foco as situações de vida e não as disciplinas.
- 3 A experiência é a mais rica fonte de aprendizagem para o adulto, pelo que o centro da metodologia da educação é a análise das experiências.
- 4 Os adultos autodirigem a sua aprendizagem, sendo o papel do professor entrar num processo de investigação mútua com os seus alunos.
- 5 As diferenças individuais aumentam com a idade, pelo que a educação de adultos deve ter em conta as diferenças de estilo, tempo, lugar e ritmo de aprendizagem de cada aluno.

Na perspectiva de Knowles, os adultos são portadores de uma experiência que os distingue das crianças e dos jovens. Essa experiência constitui o recurso mais rico ou precioso para as próprias aprendizagens. Na verdade, a andragogia decorre do processo de criar a consciência sobre cada experiência e extrair daí o que foi aprendido e em que contexto pode e deve ser aplicado. A vontade para aprender traz consigo a intenção de iniciar o processo de aprendizagem, desde que compreendam a sua utilidade para determinadas situações de vida, isto é: a resolução dos problemas reais da sua vida profissional e pessoal. Por sua vez, a orientação da aprendizagem

é encarada como resolução de problemas e de tarefas da vida quotidiana (o que desaconselha uma lógica centrada nos conteúdos).

Nesta perspectiva, o aluno adulto deve desempenhar um papel activo em relação à sua aprendizagem, e o professor/tutor deve trabalhar como um guia e facilitador dessa aprendizagem, tal como se apresenta na figura abaixo.



Fonte: Elaborado pelo autor com base no Programa de Intervenção Social e Psicopedagógica para Pais, do Instituto Politécnico de Bragança (2019)

Andragogia no Ensino Superior

O pilar da pedagogia é o professor, tendo o aluno um papel passivo, submisso e de obediência. Na andragogia, o aluno é o sujeito do processo de ensino-aprendizagem, sendo considerado capaz, autónomo, responsável, dotado de inteligência, consciência, experiência de vida e motivação interna.

Tendo como foco esta perspectiva da andragogia no Ensino Superior, devemos, em primeira instancia, olhar para a população-alvo (jovens) que acorre a estes espaços académicos,

pensando que deve fazer-se transportar pelos comportamentos passivos em relação à aprendizagem, como um dos princípios do modelo pedagógico e, também, olhar para uma população que carrega consigo um leque de experiências que possa ser valente para o seu processo de aprendizagem.

As Instituições de Ensino Superior (IES), predominantemente, atendem a um público que se encontra no início da vida adulta. Santanna (2017)¹⁵³ alega que o estudante, ao entrar no curso superior, ainda traz consigo diferentes graus de dependência, daí a importância do apoio psicopedagógico e uma possível orientação vocacional que devem dar-se aos nossos alunos, dialogando, utilizando histórias, casos e experiências reais que ilustrem o uso do conhecimento. O professor que pretende avançar no sentido da andragogia pode buscar a postura de facilitador, com consistência, apresentado aulas bem preparadas, orientações de leituras, estudos de caso e fazendo a mediação da aprendizagem colaborativa.

Gomes e Mota (2019)¹⁵⁴ defendem ser possível envolver os estudantes em sala de aula, fazendo com que eles sejam activos no processo de aprender, em vez de ficarem apenas ouvindo e fazendo anotações, passivamente, daquilo que o professor fala. A chamada *metodologia activa* é o que propicia a *aprendizagem activa* e carrega em si uma concepção pautada no processo de acção-reflexão-ação, que pode ser estimulada através de projectos variados, a exemplo da extensão junto da comunidade, estudos orientados, pesquisas, actividades colectivas, buscando soluções para problemas.

O docente universitário deve sentir-se desafiado a utilizar metodologias activas que tenham algum fundamento nos pressupostos da andragogia. O perfil do aprendiz adulto traz todo um contexto orgânico, cultural e de personalidade. Com este público, é preciso abertura para o processo de busca de sentido e de construção conjunta do conhecimento (Knowles, Holton III & Swanson, 2005)¹⁵⁵.

A metodologia universitária tem evoluído com a aplicação de conceitos e pressupostos andragógicos. Destaca-se o crescimento das metodologias activas de aprendizagem como estratégias eficazes aos professores na efectividade do aprendizado. Esses novos métodos

¹⁵³ Santanna, C. (2017). *Andragogia e análise transaccional: ampliando o olhar para o aprendiz adulto*. Em *Revista Brasileira de Análise Transaccional*. Rebat

¹⁵⁴ Gomes, S. G. S., Mota, M. V. S. (2019). *Metodologias ativas na prática docente*. Minas Gerais: Universidade Federal de Viçosa.

¹⁵⁵ Knowles, M. S., Holton, E. S. & Swanson, R. A. (2005). *The adult learner*. Butterworth-Heinemann.

procuram colocar os estudantes cada vez mais como protagonistas na construção do seu conhecimento.

A andragogia considera, respeita e busca desenvolver a autonomia e autogestão da aprendizagem, pois os adultos são responsáveis por suas decisões, portanto precisam de ser reconhecidos como indivíduos que têm a maturidade de fazer escolhas e responsabilidades sobre as próprias escolhas (Pinto & Carvalho, 2018)¹⁵⁶.

Na universidade, espera-se que o estudante por ser adulto tome consciência das suas actividades participativas como uma modalidade de aprendizagem, olhando para o carácter de pesquisa bidireccional, isto é: participar activamente no seu processo de aprendizagem.

Nesta perspectiva, concordamos com Canário & Cabrito, (2008 p. 75)¹⁵⁷ que sustenta que o aluno adulto deve estar coberto do espírito dialógico social que enfatiza a lógica do trabalho de grupo, do debate e também da resolução de casos práticos, como elementos que facultam a aprendizagem de competências que permitem interagir de uma forma reflexiva. Estes são elementos que fundamentam a metodologia do modelo andragógico.

Considerações Finais

O processo de ensino-aprendizagem é claramente distinto consoante as faixas etárias, grupos e objectivos, assim o mesmo é proporcionalmente distinto também no adulto.

Os adultos apresentam uma variedade de estilos e necessidades de aprendizagem. Nesse sentido, é necessário ultrapassar o sentido tradicional de ensino como mera transmissão, para avançar rumo a uma educação dialógica.

O ensino realizado sob o foco da andragogia será capaz de desenvolver nos adultos toda sua capacidade, permitindo que as suas habilidades sejam devidamente a floradas, assim como a continuidade da utilização de métodos que são considerados eficientes pelo próprio sujeito. Nos adultos, a aprendizagem é orientada para a resolução de problemas e tarefas com que se confrontam no seu quotidiano, o que desaconselha uma lógica centrada nos conteúdos, uma vez que os adultos estão dispostos a iniciar um processo de aprendizagem desde que compreendam

¹⁵⁶ Pinto, E. A. & Carvalho, M. R. (2018). *Tempos distintos de aprender, compreender e aceitar o momento de cada estudante*.

¹⁵⁷ Canário & Cabrito, (2008). *Educação e formação de adultos: Mutações e convergências*. Lisboa: Educa, p. 75.

a sua utilidade.

Os alunos adultos são conscientes de suas habilidades e experiências, e exigem seu maior envolvimento no processo de aprendizagem. O professor deve transformar-se em facilitador, em agente de mudança. A transição da pedagogia para a andragogia deve ser feita durante os estudos universitários, em função da faixa etária em que se encontram. Portanto, programar o ensino de adultos sob o foco da andragogia nas universidades trará grandes benefícios para o aprendiz, fazendo que se transformem em profissionais mais conscientes e capacitados. Em suma: o estudo procurou demonstrar como os pilares integrais da andragogia e suas formas de aplicabilidade dentro do espaço universitário são plausíveis, assim nos posicionamos diante do grande desafio da educação de adultos, cuja prática actual se tem mostrado insuficiente para atingir os objectivos propostos.

Referências Bibliográficas

Alcoforado, L.; Ferreira, J. A. G.; Ferreira, A. G.; Lima, M. P.; Vieira, V.; Oliveira, A. L.; Ferreira, S. M. (2011). *Educação e formação de adultos, políticas, prática e investigação*. Lisboa: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Bellan, Z. S. (2005). *Andragogia em ação: Como ensinar adultos sem se tornar maçante*. Santa Bárbara d'Oeste, SP: SOCEP Editora.

Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: experiments by nature and design*.

Canário, R. (1999). *Educação de Adultos – Um campo e uma Problemática*. Lisboa: Educa.

Cabrito, B. & Canário, R. (2008). *Educação e formação de adultos: mutações e convergências*. Lisboa: Educa.

Cavalcanti, R. A; Gayo, M. A. F. (2005). *Andragogia na educação universitária*.

Finger, M., Asún, J. M. (2003). *A educação de adultos numa encruzilhada: aprender a nossa saída*. Porto, Portugal: Porto Editora.

Freire, P. (2015). *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 51.^a edição.

Gomes, S. G. S., Mota, M. V. S. (2019). *Metodologias ativas na prática docente*. Minas Gerais: Universidade Federal de Viçosa.

Hamze, A. (2015). *Andragogia e a arte de ensinar adultos*. Disponível em: <http://educador.brasilecola.com/trabalho-docente/andragogia.htm>>. Acedido em Outubro de 2015.

Instituto Politécnico de Bragança (2019). Programa de Intervenção Social e Psicopedagógica para Pais. KIT PSICOPEDAGÓGICO, *Manual do Formador e dos Formandos*.

Knowles, M. S. (2005). *The adult learner: the definitive classic in adult education and human resource development*. San Diego, Califórnia, EUA: Elsevier, 6.^a edição.

Knowles, M. S.; Holton, E. S. & Swanson, R. A. (2005). *The adult learner*. Butterworth-Heinemann.

Knowles, M. S.; Holton III, E. F.; Swanson, R. A. (2009). *Aprendizagem de resultados*. Rio de Janeiro: Campus.

Lefrançois, G. (2018). *Teorias da aprendizagem: o que o ensinante disse*. Tradução Solange A. Visconte. Revisão técnica José Fernando B. Lomônaco. São Paulo: Cengage Learning.

Osorio, A. (2003). *Educação permanente e educação de adultos*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.

Perissé, P. M. (2004). *O educador aprendedor*. SP: Brasil, 1.^a edição.

Pinto, E. A. & Carvalho, M. R. (2018). *Tempos distintos de aprender, compreender e aceitar o momento de cada estudante*. V CONEDU – Congresso Nacional de Educação, Recife.

Disponível em:

https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV117_MD4_SA4_ID9849_15092018232808.pdf>. Acedido em 22 de Fevereiro de 2020.

Santanna, C. (2017). *Andragogia e análise transacional: ampliando o olhar para o aprendiz adulto*. Em *Revista Brasileira de Análise Transacional – REBAT*. Ano XXV e XXVI. Porto Alegre: UNAT.

Valentim, I. (2019). *Contra a Pedagogia: A difícil tarefa de ensinar*. Em *Lições de Filosofia da Educação e de Teoria da Educação*, no Instituto Superior Politécnico Sol Nascente (ISPSN), Huambo, Angola.